

### SAÚDE E DOENÇA EM PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: INSTITUIÇÕES, SABERES E PRÁTICAS DE CONTROLE E CURA

Keila Auxiliadora Carvalho<sup>1</sup>

Antonia Valtéria Melo Alvarenga<sup>2</sup>

A pandemia de COVID-19, causada pela expansão do SARS-COV-2, foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020<sup>3</sup>, causando, inicialmente, muita apreensão aos habitantes das diversas partes do mundo e impactando profundamente a humanidade, que passou a conviver com o temor do contágio e a lidar com as incertezas da peste desconhecida. Em poucos dias, o espectro da morte passou a rondar milhares de pessoas, mesmo aquelas que desfrutavam de boa saúde, numa espécie de reedição de alguns episódios que marcaram a história moderna ou à semelhança do que ocorrera com os habitantes da cidade de Oran, em *A Peste* de Albert Camus. No novo cenário, milhões de pessoas tiveram que aprender a conviver com as consequências das rígidas normas higiênico-sanitárias, estabelecidas por organismos internacionais e autoridades nacionais de saúde, dentre as quais se destacam o isolamento e o distanciamento social, que geraram profundas – e ainda não bem dimensionadas – consequências pessoais e coletivas para os sujeitos que vivem esta experiência pandêmica.

Não há dúvidas de que a pandemia do COVID-19 já se constitui como um dos mais importantes eventos históricos do século XXI. Para nós pesquisadores que lidamos com o campo da história da saúde e das doenças, não gera estranhamento o fato de que uma doença possa estabelecer determinações sobre a sociedade nos seus diversos aspectos. Afinal, desde os anos 1970, a história sociocultural das doenças vem promovendo intensos debates e reflexões sobre essas questões<sup>4</sup>, permitindo que o conhecimento sobre tais fenômenos seja produzido para além de suas dimensões biomédicas. É claro que a expertise no tema não privou a nenhum de nós de sofrer com os temores decorrentes da ideia do contágio e, inclusive, da morte. No entanto, para a sociedade em sentido amplo, esse profundo impacto da doença nas estruturas sociais soou não apenas estranho, mas também abrupto, já que rapidamente o mundo – com suas instituições e sistemas – praticamente parou.

O leitor deve estar se perguntando onde pretendemos chegar com essa reflexão: pois bem, não vamos nos estender. Nosso objetivo é mostrar como a lógica da historicidade nas dinâmicas entre saúde e doenças, por muito tempo circunscrita aos nichos acadêmicos de historiadores e outros cientistas sociais, se revelou de modo “concreto” à sociedade. Com isso, os pesquisadores do campo da saúde e da doença vêm sendo constantemente convocados a realizar análises, emitir opiniões e pareceres, como “especialistas” que, de fato, são nestes temas. Não obstante, no caso da pandemia do COVID-19, vivemos o dilema de sermos, também, sujeitos do processo que nos demanda análise e, com isso, nos arriscamos no campo fascinante e desafiador da história do presente. Mas o contexto nos convida ainda a tratar daqueles processos em que os sujeitos foram

<sup>1</sup>Doutora em História/UFF. Professora Adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: keilaacarvalho@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em História/UFF. Professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: valterial2@gmail.com

outros e, por isso, se tornaram nossos objetos. Obviamente que há ganhos com isso, sobretudo em termos teóricos, porque os aportes que utilizamos nas nossas pesquisas nos ajudam a compreender determinadas dinâmicas que envolvem a história das doenças, incluindo, nesse caso a infecção pelo novo coronavírus.

O presente dossiê foi elaborado em meio a essas inúmeras questões, inquietações e posicionamentos; entre sair da nossa condição de analistas dos “objetos” para de “sujeitos de um processo”. Ao propormos pensar “saúde e doença em perspectiva sociocultural”, quisemos usar o espaço dessa revista e o contexto que nos foi imposto pela pandemia do COVID-19 para trazer à tona as discussões que temos realizado entre nossos pares e que, nesse momento, têm potencial para contribuir na ampliação dos debates, e na própria compreensão, sobre o fenômeno chamado doença. Destacamos que, há nas doenças, uma historicidade, já que fatores sociais interferem não somente na maneira de se representar, atribuir significados e enfrentar concretamente esse fenômeno da natureza, mas também “no processo de definição e aceitação do fenômeno como realidade orgânica, dotada de características específicas” (KROPF, 2009, p. 31). Dessa forma, as instituições, os saberes e as práticas de controle e cura das doenças precisam ser analisados tendo em vista as relações que estabelecem com o contexto histórico em que ocorrem.

Portanto, o dossiê que ora apresentamos é composto por um conjunto de trabalhos que expressa com qualidade a produção de pesquisas no campo da história da saúde e das doenças no Brasil. São análises que dialogam com diferentes perspectivas da pesquisa histórica, evidenciando as interfaces dos estudos da saúde e das doenças com o poder público, o meio ambiente, as instituições, as questões de gênero, os fatores socioeconômicos e as iniciativas da sociedade civil.

Abrindo as discussões, o artigo “Do sertão saudável à cidade doente: saúde e meio ambiente na história de Diamantina” trata de aspectos da saúde pública de Diamantina considerando suas relações com as características biofísicas da Serra do Espinhaço, onde o município se localiza. Analisa como a imagem de um sertão saudável, impulsionada pelas características serranas, teve que concorrer, entre final do XIX e início do XX, com a emergência de uma perspectiva corrente que apontava para uma imagem de cidade doente, de um ponto de vista microbiológico, que revolucionou o entendimento de como doenças poderiam ser transmitidas.

Em seguida, tratando da relação entre fatores socioeconômicos, criminalidade e doenças, o artigo “Alcoolismo e pobreza em Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil (1926)” faz uma interessante reflexão sobre as inter-relações que a médica Nise da Silveira estabeleceu, em sua tese, sobre a criminalidade da mulher com o alcoolismo e a pobreza. Os pesquisadores mobilizam os principais argumentos e autores que a médica utiliza no tratamento do tema da criminalidade, colocando em relevo suas concepções sobre fatores individuais e sociológicos.

Também sobre doenças e o universo institucional e as políticas públicas de saúde, o artigo “Reforma Psiquiátrica: da luta antimanicomial ao desmanche das políticas de saúde mental no Brasil” realiza uma análise de um processo temporalmente recente, procurando historicizar os movimentos reformadores da saúde mental no Brasil que, desde a década de 1970, estabeleceram um combate às formas de tratamento em saúde mental que se pautavam na exclusão social dos sujeitos nomeados loucos, e culminou na Lei Federal nº 10.216, de 06 de abril de 2001, mais conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica. A autora também problematiza as novas ações do Ministério da Saúde que, desde o ano de 2017, vêm instaurando, por meio de portarias, decretos e resoluções, o retorno às antigas técnicas de tratamento aos acometidos por transtornos mentais e o consequente desmonte da luta antimanicomial.

No artigo intitulado “Sê tu, homem, cauteloso com teu corpo e escuta os bons conselhos”: combates em prol de uma nação ideal em Caxias/MA, durante a Primeira República à luz da imprensa”, é realizada uma discussão, a partir dos anúncios de jornais voltados para o público masculino, das questões que formalizavam, dentro do contexto caxiense, uma forma de perceber esse homem envolto nas mudanças que ocorriam no limiar do século XX.

Em “Instruir para a prevenção é atuar com cautela: a puericultura no Piauí durante as décadas de 1930 e 1940”, a autora analisa as iniciativas de puericultura que eram realizadas nas escolas e estabelecimentos de saúde do Piauí anos 1930 e 1940, para a orientação de mulheres no cuidado com as crianças. Argumenta-se que a preocupação com a saúde infantil adquiriu caráter mais efetivo a partir de ações variadas de saúde por meio dos procedimentos de puericultura, que objetivavam a promoção do desenvolvimento infantil saudável com caráter preventivo.

“Seca e doenças em Teresina: a Santa Casa de Misericórdia e a assistência médica aos pobres na cidade (1877-1915)” tem como objetivo analisar as formas de assistência aos doentes pobres em Teresina. Com isso, compreende-se que as estiagens do final do século XIX e início do século XX provocaram ações da elite local, que foram combinadas à gestão do Estado na época, a fim de conter os problemas gerados pelo flagelo. A acentuação da pobreza urbana, assim como as doenças que acometiam as camadas mais pobres da população, motivaram algumas ações públicas disciplinantes na urbe.

Os historiadores reunidos nesta edição da revista (SYN)THESIS tratam de seus temas impulsionados pelas muitas questões que povoam seu presente. E, de repente o “presente-passado” pareceu tão importante quanto o “presente-futuro”, e homens e mulheres depararam-se com a necessidade de refletir sobre seus regimes de historicidade (KOSELLECK, 2006). Por isso, convidamos para a leitura desse conjunto de textos resultantes de pesquisas que sublinham pontos em comum com aqueles que nos antecederam: o medo do desconhecido, o pavor da morte, a responsabilidade do outro, os desafios da ciência, as solidariedades, os negacionismos, os preconceitos e tantas outras questões que têm sido reeditadas em contextos históricos diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
- KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, Doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

## NOTAS EXPLICATIVAS

- 
- <sup>3</sup>Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&catid=1272&Itemid=836](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&catid=1272&Itemid=836)>.
- <sup>4</sup>Proposições sobre as doenças que estiveram relacionadas às abordagens adotadas no campo da sociologia e da história da ciência, sob inspiração do chamado Programa Forte da Sociologia do Conhecimento Científico. Sobre a questão, cf. KUHN, 1998.